

Fórmulas secretas

BÁRBARA COSTA RIBEIRO

intransitiva
• revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Fórmulas secretas

Bárbara Costa Ribeiro

Se estamos distantes, procuro secretas formas de estar contigo. Os artifícios não podem ser óbvios – se me empenho em artimanhas, muito mais te mereço. Não posso imaginar ruas, avenidas comuns, Augusta, Haddock Lobo... Tenho de pensar comigo mesma: “Aonde irias...?”. Abro uma aba no navegador. Procuro então, no Google, a temperatura atual na Coreia. Em Seul, 12 graus, manhã de sexta. Aqui, chove um pouco, mas fracamente. E você, gostaria de passear em Seul? Lá, onde você estaria, se sonhasse, eu poderia estar também... De repente, somos nós dois, a muitos quilômetros, percorrendo uma cidade estranha, braços dados sob um guarda-chuva transparente.

A fórmula funciona. Estou com você de maneira secreta, você, ao alcance de minha mão. Mas há, também, os dias de pouca fé...

Nos dias de fé abalada, tenho de investir muito mais na loucura. Tento imaginar todos os lugares pelos quais você já passou, na vida, e pelos quais, talvez, eu tenha passado também, por um arranjo singular do destino, antes ou depois, mas nunca ao mesmo tempo. Já nos conhecíamos? Não nos conhecíamos? Google Maps. Digito as coordenadas. Um endereço qualquer. Clico em cima do lugar, para ter a vista real da rua. Movo o cursor pela estrada: é como se um daqueles rostos embaçados na calçada fosse o seu. E agora eu passo. Abri uma fenda no tempo para estar contigo.

Sei que existiriam formas muito mais simples de estarmos juntos. Verdade. Mas o amor não é prático e nenhuma delas recria o assombro. Não quero estar junto, apenas; quero tramar.

Por exemplo, imaginemos. Neste momento, duas pessoas se beijam, em algum lugar. Eu imagino. Não podemos ser eu e você. Tem de ser sempre um alguém um tanto mais livre, o outro um tanto mais simples, os dois um tanto mais zen. Esse beijo alheio, imaginado, me faz suspirar. Finjo que os invejo, penso no que não posso ter: você está tão longe... Por contraste, passo a tramar as formas – muito mais tristes, muito mais complicadas, muito mais melancólicas – de eu e você estarmos juntos. Finjo até que sofro muito. Eu sou Capuleto, você Montéquio! Eu não posso ir aí, você não vem. A cidade inundou, o teu avião caiu, a vovó me negou a herança, só podemos nos ter em segredo... Vou tramando.

Penso não na tua boca, no território entre o nariz e o lábio, porque todas essas coisas estão dadas desde o princípio, a quem quiser. Penso, feito uma estrada muito sinuosa, nas outras coisas, as que ninguém mais quis, no espaço por trás dos teus olhos sinceros e tristes, ou na asa partida da xícara, naquele dia, nos teus cílios molhados, na forma tua distraída de pensar no que diria a mim em seguida, magoado com o toró. Penso na tua pessoa séria e arrasada, porque choveu demais, no contorno azul que às vezes as veias fazem pelos túneis das tuas mãos. Penso nos túneis que atravessam os montes, na borda dourada do teu relógio de pulso e na xícara sonolenta, manuseada por ti, inconsciente de sua própria sorte. Penso nas meias às vezes furadas, dentro dos sapatos, guardando dedos ansiosos e limpos. Penso na graça singela de estar ao teu lado, mantendo o segredo, sem que você saiba que, dentro de mim, tudo vibra muito e estou sempre a pensar em nós. Nunca me distraio. Lembro que amanhã e ainda muitas vezes estaremos na Coreia, e que é uma sorte eu ter te encontrado, e sempre te ter, com o cursor do meu mouse, quando tudo o que você faz, neste momento, é brincar distraidamente com o miolo do pão... Sem imaginar.

Sem imaginar a amante excelente que sou, em segredo. Fervorosa, apaixonada, cheia de muitos trambiques. Sorrio comigo, e digo, para disfarçar – como seria bom jogar tênis (só para usar as minissaias charmosas), aprender um novo alfabeto, parar de opinar sobre livros que não lemos, dirigir carros no

deserto, você me oferece um copo d'água, eu digo que ontem já tomei. Ouço a tua risada. Você nem imagina que, na realidade, aqui por dentro, estou te amando muito. Não estou pensando no deserto, não quero dirigir carros, posso usar minissaias quando quiser. Estou pensando, sim, na curva superior do teu lábio, formando a letra “z”, nas veias azuis da mão, na xícara predileta demais, no dedo e na asa, na sorte que a xícara tem e eu não... Mas não digo nada. Quero conservar o mistério do amor desenfreado no cursor do mouse, viver o seu prazer em segredo, fingir que não morro quando encontro, aparentemente distraída, um beijo teu esquecido na palma quieta da minha mão.

Sobre a autora

Graduou-se em Letras-Português, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2016. Concluiu Mestrado na área de Literatura Comparada, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, em 2018. Atualmente, encontra-se no curso de Doutorado do mesmo Programa, tendo concluído período de Doutorado-sanduíche na Universidade de Oxford (Reino Unido, 2022), com bolsa CAPES (PDSE).